**Guanabara, imensidão e abismo: estórias das coletas**[*]

Kauê Marcos Pereira da Silva [1]

**RESUMO:** A Baía de Guanabara é a primeira memória que tenho do Rio de Janeiro. Quando a vi pela primeira vez, era noite e eu estava na janela do avião: vislumbrei sua imensidão; no horizonte, uma constelação de luzes; no nadir, o abismo. Ao mergulhar na Guanabara, encontro um território manchado: em um domingo de sol, uma criança brinca na areia entre descartes. Então presto mais atenção, deixo que os resíduos desorientem meus pensamentos e me envolvo. Deparo-me com o acaso e a desordem no modo como eles conformam manchas nas paisagens, passo a coletar essas coisas, as guardo comigo. Penso que, se os resíduos moldam a paisagem, minhas práticas também poderiam delineá-la de outros modos. Assim, caminho, coleto, escrevo e experimento e, numa tentativa de formular outros sentidos sobre essas paisagens, crio objetos com resíduos. Eles evidenciam processos contínuos: algo já usado, lançado às águas, coletado, guardado, e ainda apto à reconfiguração, uma bolsa aberta para a possibilidade de coletar. Chamo esses processos de coletação, ela pode tornar visível as relações que compõem esse corpo d'água, mais especificamente como me relaciono com a Guanabara, apontando para outras possibilidades de mundos para além dos terrores do antropoceno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Baía de Guanabara. Antropoceno. Resíduos. Coletação. Arte e Design.

---

**Guanabara, vastness and abyss: stories from the collections**

**ABSTRACT:** The Guanabara Bay is my first memory of Rio de Janeiro. When I saw it for the first time, it was night and I was at the airplane window: I glimpsed at its vastness; on the horizon, a constellation of lights; at the nadir, the abyss. As I dive into Guanabara, I find a patchy territory: on a sunny Sunday, a child plays in the sand between discards. So I pay more attention, letting the waste disorient my thoughts and getting involved. I come across chance and disorder in the way they shape patches in landscapes, I start to collect these things, I keep them with me. I think that if waste shapes landscapes, my practices could also shape them in other ways. So I walk, collect, write and experiment and, in an attempt to formulate other meanings about these landscapes, I create objects with waste. They show continuous processes: something that has already been used, thrown into the water, collected, stored, and still able to be reconfigured, a bag open to the possibility of collecting. I call these processes *coletação*. It can make the relationships that make up this body of water visible, more specifically the way I relate to Guanabara, pointing to other possibilities of worlds beyond the terrors of the Anthropocene.

**KEYWORDS:** Guanabara Bay. Anthropocene. Waste. Collection. Art.

---

**Prólogo**

Tem dias em que as coisas parecem não funcionar muito bem, então é quase que necessário caminhar para poder respirar mais fundo. Foi assim para mim, diante de um momento tão singular como o isolamento social da pandemia de Covid-19. Naquele momento me deixei ser afetado pela Baía de Guanabara, nas caminhadas em seus entornos me interessei pelas belas paisagens, que a tornaram uma companheira para mim. Mas não pude deixar de reparar também nas paisagens manchadas pela presença de diversos resíduos que, naquele momento, estavam diante dos meus olhos e minhas mãos e eu poderia tocá-los.

Por outro lado, as pessoas apareciam diante de mim somente através de telas, eu não poderia tocá-las. Caminhar pelas praias guanabarinas me ajudou a lidar com o distanciamento físico de tantas pessoas queridas, e também com o partir de algumas delas. Em alguns dias difíceis, caminhei procurando alívio para tantas notícias tristes. Encontrei algum conforto (Fotografia 1).

Fotografia 1 – *Pôr do sol na Praia da Moreninha, Ilha de Paquetá, em 20 de abril de 2021*.

Fonte: Do autor, 2021.

Caminhei no fim de tarde na beira da Praia da Moreninha, molhei os pés na água, sentei para ver o pôr do sol mais um dia. Mexendo as mãos na areia, encontrei uma miçanga laranja em forma de coração. A Guanabara me entregou um coração. Guardei ele comigo.

**A teoria da bolsa da ficção**

*Fez sol, fui à praia com uma bolsa no ombro.*

Na bolsa, uma garrafa de água, uma canga; uma câmera, um caderninho, um lápis, um livro chamado *A Teoria da bolsa da ficção*, de Ursula Le Guin. Carrego o livro em minha bolsa; a garrafa de água enrolada na canga.

Fotografia 2 – *Praia da Boa Viagem vista de cima*.

Fonte: Do autor, 2022.

Praia da Boa Viagem (Fotografia 2): Estendo a canga na areia, sento nela, observo o mar que está calmo, os pássaros cantando, o vento fresco soprando.

Abro o livro: Aproximo-me do ensaio. Busco entender como são as impressões que o caminhar da autora deixou nas páginas. Gradualmente me aninho no modo como Ursula escreve e me coloco sentado ao seu lado na areia da praia beira-mar.

Segundo Le Guin (2021), o principal alimento da espécie humana nas regiões temperadas e tropicais

durante o período Paleolítico, o Neolítico e o pré-histórico era vegetal. Grande parte desses alimentos era coletada. Ao contrário do que se pensa, e apesar de os caçadores de mamutes terem ocupado as paredes das cavernas e as nossas mentes, para nos manter vivos e alimentados era apenas preciso "coletar sementes, raízes, brotos, rebentos, folhas, nozes, bagas, frutos e grãos, além de insetos e moluscos, assim como capturar aves, peixes, ratos, coelhos e outros pequenos animais" (p. 17). Para isso, não era necessário trabalhar muito, vivia-se bem com apenas cerca de quinze horas de trabalho por semana. Ou seja, era fundamental coletar, e a coleta oferecia uma diversidade de alimentos.

Com essa modesta jornada de trabalho, se é que assim a podemos chamar, para alguns inquietos e desocupados sobraria muito tempo, talvez tempo até mesmo para ter ideias de caçar mamutes. Os coletores, com boas ideias para pensar, estavam satisfeitos. Já os caçadores, sem boas ideias, iriam em busca de aventuras e retornariam das caçadas com carne, marfim e uma estória. Desse modo, "não foi a carne que fez a diferença. Foi a estória" (Le Guin, 2021, p. 17). Estória (story) em vez de História (History): utilizada, de acordo com as tradutoras brasileiras, para destacar a importância da ficção, das narrativas periféricas e esquecidas em oposição à História do Herói.

Então, há dois tipos de personagens: os coletores e os caçadores. Sinceramente, eu não coleto alimentos para sobreviver, mas coletei um coração na Guanabara outro dia, e isso alimentou minhas ideias. Vou experimentando os caminhos e as páginas desses percursos contando algumas estórias sobre as coletas. Deixo então esses descartes que são trazidos pelas águas me guiarem nesse texto, deixo essa investigação se levar por esse corpo d'água.

Em continuação ao conceito que a autora explicava, ela comenta o quanto é difícil contar uma estória emocionante sobre quando tirou a semente de aveia selvagem da casca, depois outra, outra, outra, outra outra, outras. Muito menos difícil, muito mais emocionante seria a estória sobre quando ela, caçadora, enfiou sua lança afiada no tórax peludo do mamute, ou sobre quando atirou sua flecha diretamente no cérebro do mamute através do olho.

Penso no tamanho do desafio de ousar falar sobre as coletas. Levanto, caminho na beira do mar. Olho para o mar, o céu, vou examinando a areia com os olhos. Entre conchas, pedras, folhas, resíduos, encontro na areia uma faca que não é uma faca qualquer, mas que também não é a faca afiada do caçador. É uma faquinha de plástico (Fotografia 3).

Fotografia 3 – *Faquinha com Coração*

Fonte: Do autor, 2022.

Uma pequena faca rosa, sem fio, nem ponta, mas com um coração.

Uma faquinha incapaz de cortar, furar ou espetar.

Diferente da faca afiada, pontuda, impiedosa que o herói certamente usaria.

Talvez ela não tenha vez naquele conto dele, mas certamente ela tem vez nesta estória.

Ela não precisa machucar ninguém para que sua estória seja digna de ser contada.

Pego a faquinha, guardo-a na bolsa.

Estendo a canga, sento novamente mais adiante.

Na estória do caçador há Ação e Herói. Esse tipo de narrativa é tão arrebatadora que consome todos os habilidosos coletores, os colocando meramente a serviço do conto do herói. “Mas esta não é a estória deles. É a dele” (Le Guin, 2021, p. 18). A estória do herói não é a estória dos coletores. Não é a estória das praias, das coletas, da bolsa, da faquinha e do coração.

Assim, ação mais herói: estória.

Então, estória sem herói: ação.

Por fim, estória: ação.

Nessa estória, a ação é coletar e a coleta é a ação.

Consigo imaginar as dificuldades de contar estórias emocionantes sobre quando me abaixei para

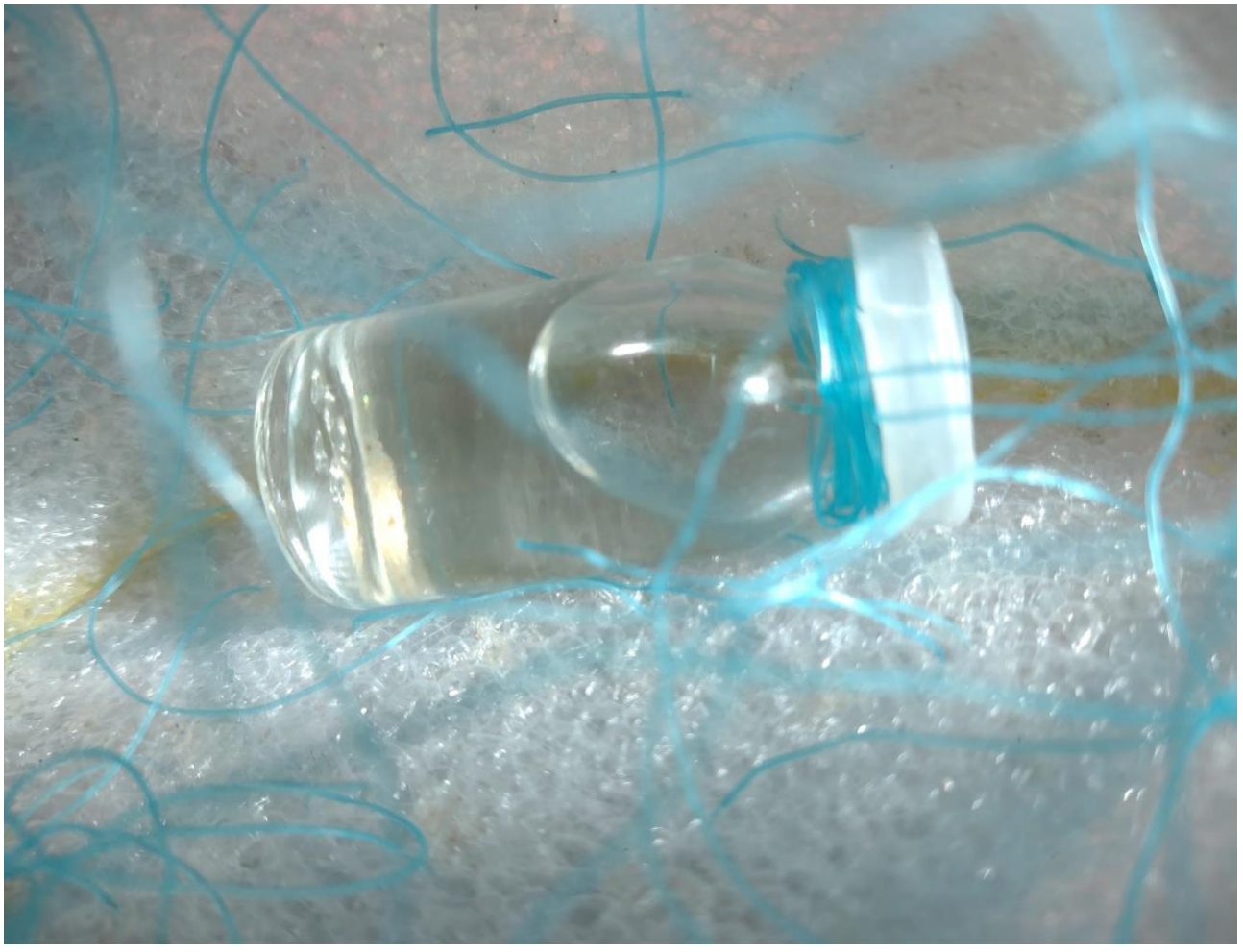
coletar um objeto descartado na Baía de Guanabara, depois mais um, outro, e mais outro, outro e outro, outros. Talvez fosse mais fácil contar a estória de quando construí uma grande máquina pesada dura e barulhenta para despoluir a Baía de Guanabara e acabei com toda sorte de objetos que haviam ali.

Deito na areia, observo o céu de fim de tarde, os pássaros voltam para seus ninhos.

Le Guin revela que Virginia Woolf, ao elaborar o livro Três Guinéus, escreveu um "Glossário" em seu caderno; os termos nessa lista continham o objetivo de reinventar a língua inglesa para poder contar estórias diferentes. Virginia propõe em seu dicionário: heroísmo definido como "botulismo" e herói como "garrafa". Virginia Woolf propõe o herói como garrafa, todas as garrafas são heróis. Le Guin então propõe a garrafa como herói, todos os heróis são garrafas. "Não apenas a garrafa de gin ou vinho, mas a garrafa no seu sentido mais ancestral e abrangente de recipiente em geral, uma coisa que contém outra coisa" (2021, p. 18). Uma coisa com abertura para conter outra coisa.

Dou um gole na água da garrafa. Me levanto, caminho mais um pouco. No caminho encontro um frasco, uma daquelas ampolas de produtos para cabelos (Fotografia 4).

Fotografia 4 – *Ampola de água da Guanabara*.



Fonte: Do autor, 2023.

Pego a ampola, caminho em direção às águas, molho meus pés, me abaixo, limpo o frasco na água, abro-o, guardo um pouco da água desse mar no frasco. O mar e a Guanabara como ampola.

Ursula ainda comenta que alguém poderia comer o quanto conseguisse, encher as mãos de aveia, mas quando acordasse com fome em um dia de chuva, somente lhe restaria ir até o campo de aveia selvagem coletar algo para que pudesse saciar sua fome. Pelo menos nos dias de chuva, ao menos nesses dias, seria útil poder armazenar um pouco de aveia selvagem, talvez em "uma folha uma cabaça uma concha uma rede uma mochila uma sacola uma cesta uma garrafa um pote uma caixa um frasco. Um contentor. Um recipiente" (2021, p. 19).

Um contentor, um recipiente para armazenar alimento e comer depois.

Uma ampola, um recipiente para armazenar a água da Guanabara para depois.

Por oposição à história do herói, Le Guin cita Elizabeth Fischer: "o primeiro aparato cultural foi provavelmente um recipiente…" (2021, p. 19). Se assim foi, onde estava então o tal do aparato afiado, duro, longo? "Eu não sei. E nem me importo. Eu não estou contando essa estória". Com certeza já ouvimos muito falar sobre paus lanças espadas "mas ainda não ouvimos nada sobre a coisa em que se põem coisas dentro, sobre o recipiente para a coisa recebida. Esta é uma estória nova. Isso é novidade".

Ainda segundo Fischer, essas estórias das coisas coletadas são muito antigas, muito mais antigas que as estórias sobre facas, machados, foices, pois de nada adianta utilizar todas essas ferramentas afiadas se não há como levar para casa o alimento colhido. "Junto ou antes da ferramenta que força a energia para fora, nós fizemos a ferramenta que traz a energia para casa" (Le Guin, 2021, p. 20). De fora para dentro antes. De dentro para fora depois.

Conceber "A teoria da bolsa da ficção" enraizou Le Guin na cultura humana, muito mais do que a cultura explicada "a partir do uso desses objetos longos e duros utilizados para espetar, bater e matar" (2021, p. 20). Inconformada com as narrativas de armas, objetos duros, afiados etc. tomadas como epítome da cultura humana, ela procurou evidenciar essa confusão teórica para então conseguir se identificar como humana. Ela nunca pensou que tivesse ou quisesse ter parte naquela cultura humana. Em busca de sua humanidade, procurou vestígios de que o era, mas se isso dependesse do uso de armas para matar, Ursula seria imperfeita como ser humano, ou nem o seria. Aquela é "a estória da Ascensão do Homem", Le Guin ainda provoca. "Vão em frente" (2021, p. 20) contando aquela estória. Esta daqui é a estória das coisas guardadas dentro de coisas. Se ser humana tem a ver com guardar as coisas em bolsas para depois, isso, sim, a torna humana. A estória do Herói escondeu a humanidade de Ursula.

Aquela estória do Herói também escondeu minha humanidade, escondeu também minha

capacidade de contar estórias sobre as coisas que encontro na Guanabara. Essas evidências que a autora apresenta fazem com que eu me sinta humano também. Se ser humano tem a ver com guardar as coisas na bolsa para depois, isso, sim, me torna humano. Essa estória de bolsa tem a ver com a coletação, coletar coisas nas praias e guardá-los na bolsa para depois.

Le Guin não tem medo de enfrentar os bandidos; persegue-os com sua bolsa:

> Eu sou uma mulher envelhecida e zangada, impondo-me com a minha bolsa, lutando contra os bandidos. E, no entanto, nem eu nem ninguém me considera heroica por fazer isso. É apenas uma daquelas malditas coisas que têm que ser feitas para se poder continuar coletando aveia selvagem e contando estórias (2021, p. 21).

Então faço o que considero importante de se fazer: caminhar, coletar coisas, experimentar com elas e contar estórias, pois afinal, "é a estória que faz a diferença".

Bebo água, respiro fundo e observo o mar, um barco de pescadores navega lentamente, surgindo no horizonte se aproximando e se afasta sumindo no horizonte.

Penso que pode parecer o fim da estória. Pode parecer que não tem mais nenhuma outra estória a ser contada além daquela. Então convém começar a contar outras para que, quando aquela estória do herói acabar, existam outras estórias que possamos continuar contando.

A autora alerta que apesar de a estória do assassino ser envolvente, é importante não se envolver nela, pois podemos acabar junto com ela. "Por isso, é com certo sentimento de urgência que procuro a natureza, o sujeito, as palavras da outra estória, a estória não contada, a estória da vida". (Le Guin, 2021, p. 21). Esse tipo de estória da vida não nos é familiar; apesar de ser simplesmente outro modo de se contar estórias. Como ainda não chegamos ao fim, convém continuar escrevendo, porque se consigo imaginar algumas estórias sendo contadas pelos resíduos nas beiras das praias, não contá-las seria um absurdo.

Le Guin diz que "o romance é um tipo de estória fundamentalmente não heróica" (2021, p. 22). Entretanto, o herói foi capaz até mesmo de dominar o romance. Claro, seu desejo incontrolável é sempre de poder. Por que não iria fazer isso até mesmo com o romance? "Assim, o Herói decretou através de seus porta-vozes, os Legisladores, primeiro, que a forma adequada da narrativa é a da flecha ou lança, começando aqui e indo direto em linha reta e PÁ!!". Decretou também que na narrativa a preocupação central é o conflito; e que toda estória só é boa se tiver herói. Assim, o herói atravessa as páginas como uma flecha ou uma lança em direção ao alvo, que cai morto.

"Eu discordo de tudo isto" (Le Guin, 2021, p. 22). Para a autora, a estrutura do romance deveria ser a de uma sacola, de uma bolsa. "Um romance é um patuá guardando coisas numa relação particular

e poderosa umas com as outras".

Assim como a garrafa, assim como a bolsa, o romance como bolsa pode conter diversas coisas. Um ensaio como bolsa que contém muitas coisas, um contentor cuja forma se adapta ao que contém, que vai tomando outras formas, conforme experimento o texto, as coisas e a bolsa.

Nessa estrutura, o conflito até pode ser um dos elementos do romance, até pode, mas a narrativa não deve ser reduzida a ele. Na narrativa da bolsa/barriga/caixa/casa/patuá, pode haver conflito, competição, estresse, luta etc. Podem até ser necessários, mas num todo que "não pode ser caracterizado nem como conflito nem como harmonia, já que seu propósito não é nem o da resolução nem o do êxtase, mas o processo contínuo" (Le Guin, 2021, p. 22).

Por isso, Ursula gosta de romances: eles têm pessoas em vez de heróis.

Proponho um romance que contenha coisas em vez de heróis.

Caminho mais um pouco, me aproximo cada vez mais da Ilha da Boa Viagem.

Nisso me deparo com o distintivo do Capitão América entranhado no solo (Fotografia 5).

Fotografia 5 – *Distintivo do Capitão América*.

Fonte: Do autor, 2022.

Será mesmo que tem lugar para o Capitão América nessa bolsa?

Acho que o herói nem sequer ficaria bem dentro desta bolsa. Ele precisaria de um lugar especial, um palco, uma plateia, um pedestal, ou pelo menos uma página em branco inteirinha falando somente dele. Se apertar um pouquinho, talvez tenha lugar. Mas agora chega de falar dele! Porque por outro lado, esses objetos guardados dentro da bolsa não precisam de nada disso, eles escaparam por onde fluíram no mundo com as águas.

Gosto quando Ursula conta sobre seu próprio processo de escrita de romances de ficção científica. Tem a ver com o que quero construir enquanto conhecimento. “Cheio de começos sem fim, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções e muito mais artimanhas do que conflitos, muito menos triunfos do que armadilhas e delírio” (2021, p. 23). Contar uma estória fascinante sobre a aveia selvagem no campo é tarefa difícil, mas não é impossível. Realmente, contar uma estória fascinante sobre quando coletei coisas na Baía de Guanabara é tarefa difícil, mas também não é impossível. “Quem disse que escrever um romance era fácil?”. Quem disse que escrever um ensaio era fácil?

Reflete ainda que, se a mitologia da tecnologia moderna é contada pela ficção científica, então o mito central da tecnologia na ficção científica é trágico. Nesse contexto, a tecnologia é vista como um modo para triunfar. Entretanto, esse triunfo sempre tem um custo. “A ficção que encarna esse mito, será, e tem sido, triunfante (o Homem conquista a terra, o espaço, os alienígenas, a morte, o futuro etc.) e trágica (apocalipse, holocausto, então ou agora)” (Le Guin, 2021, p. 23). O triunfo e a tragédia andam juntos.

Ao que tudo indica, as soluções tecnológicas não têm dado conta da despoluição da Guanabara. Então essa outra perspectiva da tecnologia e da ciência como uma bolsa de ficção pode colocar em questão a visão prometeica e apocalíptica da ficção científica, entendendo-a em vez disso “como sendo fundamentalmente uma bolsa de cultura em vez de uma arma de dominação”. A ficção dá novas nuances à ficção científica e produz como efeito um campo muito menos rígido e estreito e nos coloca diante de um gênero mais realista e menos mitológico. “De um realismo estranho, porém a realidade é estranha” (Le Guin, 2021, p. 23).

Portanto, este é um texto aberto à experimentação, à imaginação e à deriva. As estórias aqui registradas são sobre as coisas descartadas na baía. Ao fazer isso, conto também sobre os terrores do Antropoceno na Guanabara. Para descrever os terrores do Antropoceno, vou coletando os descartes que encontro em meu caminho nas praias e experimentando com eles a composição de outros mundos a partir da coletação. Assim, este texto aos poucos vai assumindo a forma das próprias coisas que coloco dentro da bolsa (Fotografia 6).

Fotografia 6 – *Coisas encontradas*.

Fonte: Do autor, 2022.

Eu e minha bolsa, juntos, as coisas encontradas e a bolsa, juntas.
Por mais absurdo que possa parecer, a ficção científica é um modo de:

> descrever o que de fato está acontecendo, o que as pessoas realmente fazem e sentem, como as pessoas se relacionam com tudo mais neste vasto saco, nesta barriga do universo, neste ventre das coisas por virem a ser e nesta tumba de coisas que foram, nesta história sem final (Le Guin, 2021, p. 24).

Nela há espaço para toda sorte de coisas, através dela é possível colocar as coisas em seus lugares, há tempo suficiente para coletar e semear aveia selvagem; há tempo para coletar coisas. Chego do outro lado da praia, na Ilha da Boa Viagem, olho para a Guanabara, para o céu, assisto ao anoitecer (Fotografia 7).

Fotografia 7 – *Anoitecer na Boa Viagem*.

Fonte: Do autor, 2023.

**Bolsa da Guanabara**

A Bolsa da Guanabara é onde guardo essas coisas.

Este texto abriga a bolsa, as coisas e as estórias que elas comportam.

Coloco-me como um coletor nesta pesquisa, estabeleço relação com o contexto a partir da ação de coletar essas coisas à deriva ou estiradas nas areias das praias. Nesse gesto, não conto só algumas estórias sobre as coletas, mas também sobre a Guanabara, através dessas coisas que são representações materiais e visuais do Antropoceno, de como nos relacionamos com o que produzimos e consumimos e com os resíduos desses processos e ações.

Vez ou outra a baía me trouxe lembranças do continente. Outras vezes ela mandou lembranças para o continente. Através do movimento das marés e das ondas, essas coisas cruzaram meus caminhos. Cruzei com muitas coisas na beira das praias da Guanabara: garrafas pets diversas, embalagens de produtos de limpeza, tampas de garrafa pet, tampas de garrafas de produtos de limpeza, bonecas, cabeças de bonecas, rodas de carrinhos, cavalo de plástico, mãozinha de plástico, mola de aço, peças de lego, coisas pequenas, tampas de canetas, hastes de cotonete, vasos de planta, bobs de cabelo, carcaça de ônibus de brinquedo, copos plásticos, carrinhos de brinquedo, chupetas, *CDs*, palitos de picolé de plástico, embalagens de picolé, rótulos de garrafas, rótulos de produtos, cordas, fitas plásticas, ovo, sandálias sem salto, saquinhos *zip lock*, conhas e escumadeiras de brinquedo, copos de medidas, latas de condimentos, vidros de remédios, pinos de cocaína, redes de pesca, ampolas, facas de brinquedo, pedaços de ventilador, estrado de cama, canudos, sofá, pneus de carro, pneus de bicicleta, panos de chão, distintivo do Capitão América, cartelas de remédios, saboneteiras, mamadeiras, bicos de mamadeiras, vasos de barro, sapatos de salto, folha de acetato, secador de cabelo de brinquedo, sacolas plásticas, espelho, pregos, pedacinhos de plástico, coisas grandes, balde, botões de camisa, fios, unhas postiças, barbantes, latinhas de refrigrante, latinhas de cerveja, papel de pipa, tecido de algodão cru, bacia, camiseta, refletor de bicicleta, cacos de vidro, cacos de telhas de barro, cacos de concreto, alças de chinelos de dedo, solas de chinelos de dedos, pedras de concreto, coração de miçanga, pedaços de coisas, faca de brinquedo com coração, panelinhas de brinquedo, bacias, bolinhas de plástico, latas de tinta, camisinhas, embalagens de camisinhas, barbie sem pernas, espaçadores para pisos, piranhas de cabelo, tênis, placa de polietileno expandido, bolinhas de árvore de natal, marmitas de isopor, cabos, pedaços de madeiras, estruturas de concreto, restos de construção civil, chuveirinho de banheiro, chuveiro, tampa de jarro, bico de mangueira, asa de avião de brinquedo, coisas de coisas, coisas que nem entendi o que eram (Fotografia 8);

Fotografia 8 – *Algumas dessas coisas*.

Fonte: Do autor, 2023.

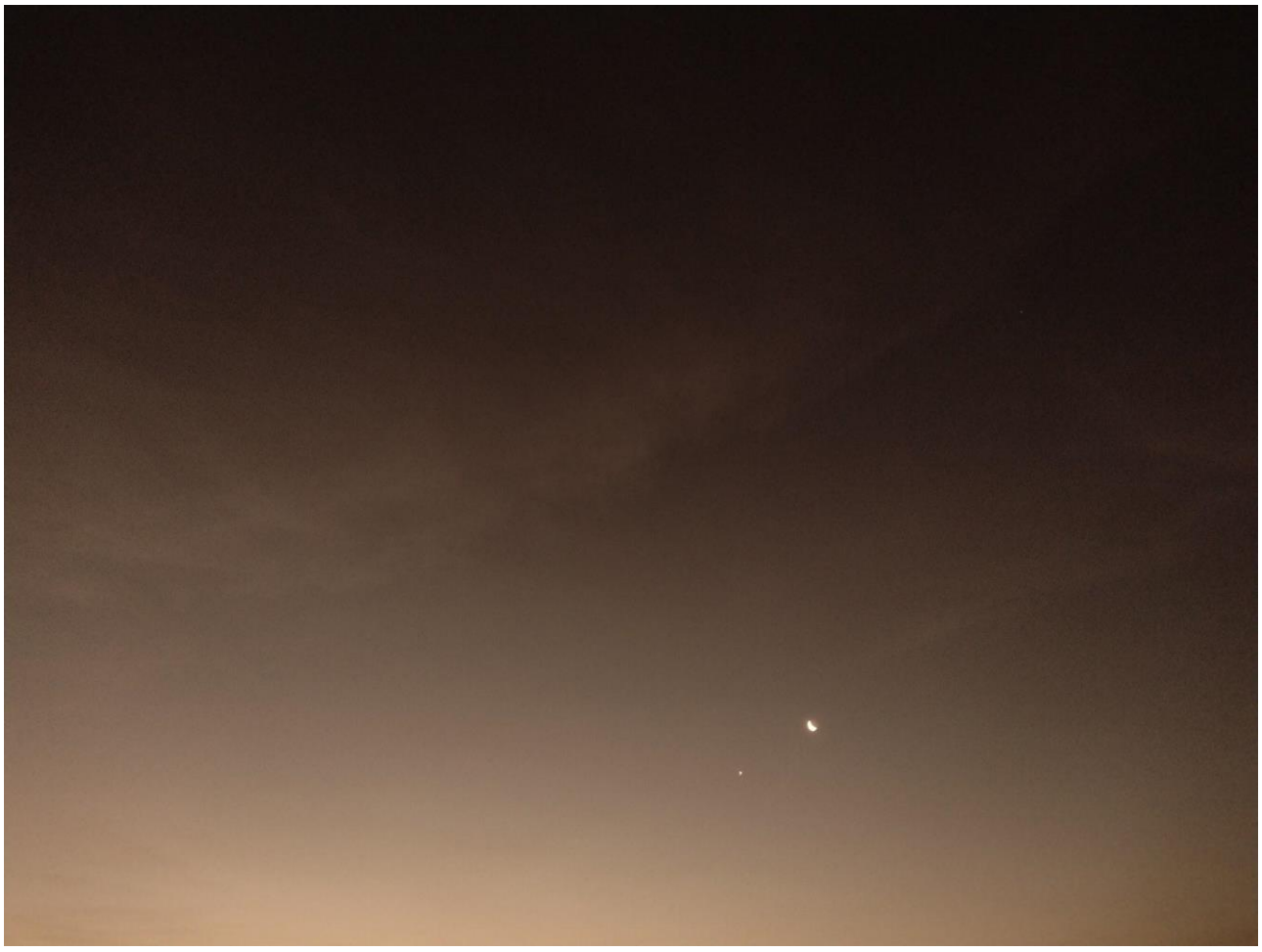
Lá você encontra tudo, poderia passar mais umas quantas páginas listando as coisas que encontrei nas praias da baía. Algumas delas despertavam um interesse especial, que me fazia pensar nos motivos pelos quais eu estaria topando com elas pelo meu caminho. Essas coisas estiradas nas bordas da Guanabara que vivem no ritmo das águas da baía.

Eu coletei elas porque fui tomado pelo desejo de transformá-las em expressão da Guanabara, em expressão também dessa relação. Tomado pela vontade de fazer sentido desses encontros, coleto essas coisas para ver se consigo com elas ter algumas boas ideias para pensar, ou pelo menos melhores do que as que poderia ter sozinho.

Ao dar início a essa pesquisa, fui uma vez por semana, ao menos, caminhar nos finais de tarde pelas praias da baía para coletar essas coisas, com exceção das semanas de chuvas intensas. As praias visitadas foram a Praia da Moreninha, a Praia do Catimbau, a Praia dos Tamoios, a Praia da Imbuca, a Praia José Bonifácio, na Ilha de Paquetá; e a Praia da Boa Viagem, a Praia das Flechas, a Praia de Icaraí e a Praia de São Francisco em Niterói. Em muitos desses dias, coletei algumas coisas; outros dias, nenhuma. Gradualmente fui entendendo também as dinâmicas da baía.

Geralmente começava a caminhada nas faixas de areia pouco antes do sol se pôr para aproveitar a luminosidade. No final de tarde, assistia ao pôr do sol e algumas vezes ficava aguardando a lua surgir no céu (Fotografia 9).

Fotografia 9 – *Lua nova e vênus na Praia da Boa Viagem*.



Fonte: Do autor, 2023.

Retornava para casa com uma bolsa e algumas coisas, às vezes. Esse tipo de atividade depende também de condições climáticas — além das variações da lua, da maré, dos ventos e das chuvas, que influenciam a variedade das coletas.

Em dias de lua cheia e lua nova e cheia, a amplitude da maré é maior, o que traz à tona muitas coisas nas praias da Guanabara. Esse fenômeno por vezes se combina aos dias de chuva, que intensificam a quantidade de coisas porque as águas da chuva lavam as cidades e os rios e despejam toda sujeira na baía. Passei a vigiar as marés que me traziam coisas das profundezas e das superfícies da Guanabara, do continente e também do oceano.

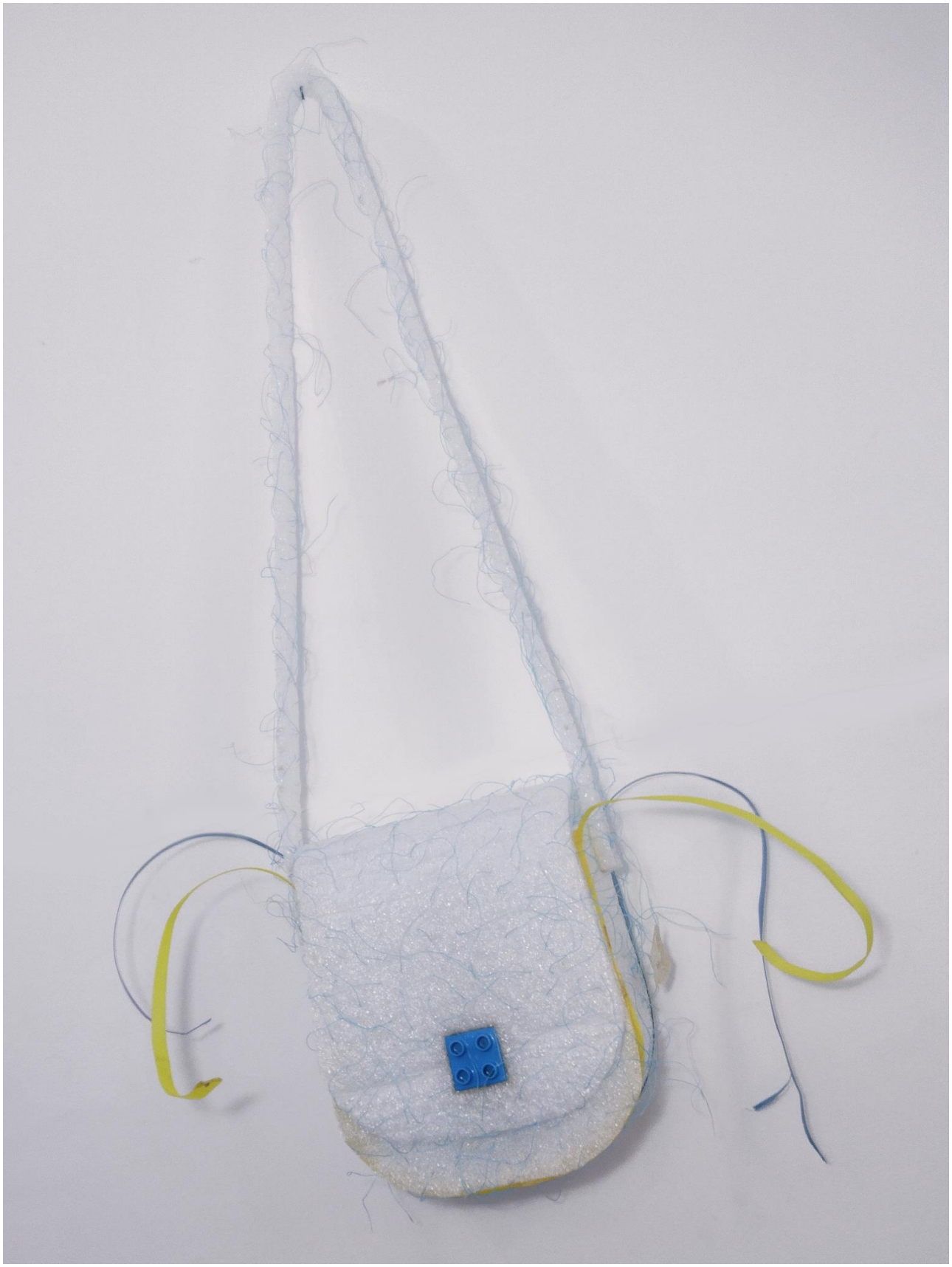
O mar recebe objetos e cospe coisas para fora de si.

Assim percebi que existem dias mais propícios para que esses encontros ocorram. Uma atividade

despretensiosa se transformou em uma coleta com a intenção de ter boas ideias para pensar, encontrar boas estórias para contar, também como uma tentativa de compor outros mundos a partir dos resíduos encontrados.

A Bolsa da Guanabara é um objeto criado a partir das coisas que encontrei nos contornos da baía (Fotografia 10). Nela estão pregadas algumas coisas, algumas delas dentro, outras fora. Trata-se de uma bolsa capaz de conter algumas estórias.

Fotografia 10 – *Bolsa da Guanabara*.



Fonte: Do autor, 2023.

A bolsa é um convite para caminhar na praia.

Uma bolsa como recipiente aberto para conter outras coisas.

Aberta para o convite para coletar algumas estórias.

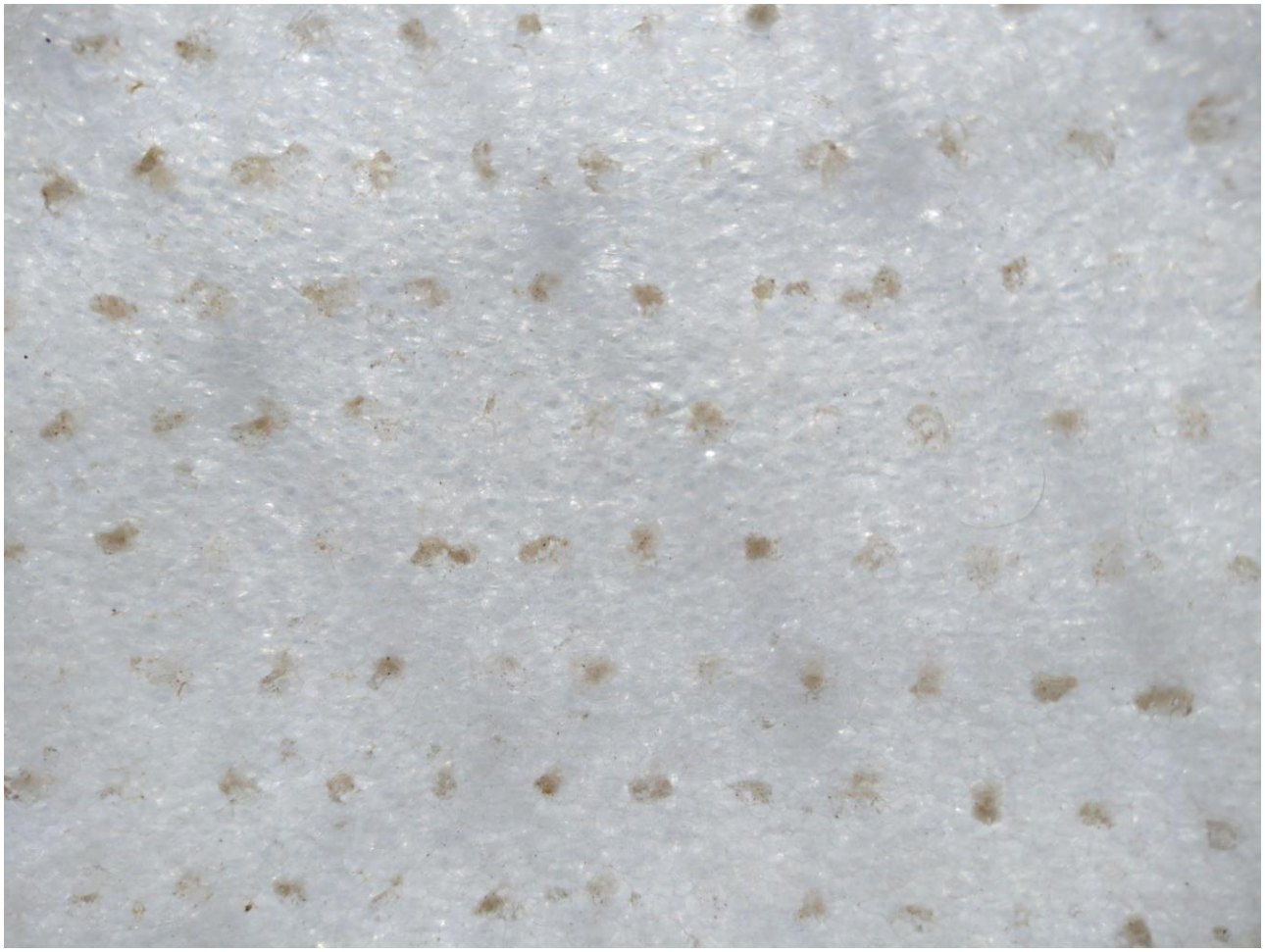
Aberta também para a possibilidade de imaginar outros mundos.

Ela é completamente feita de coisas encontradas na Guanabara.

A estrutura da bolsa é feita de polietileno expandido. Esse material é comumente utilizado para embalar outros objetos que devem ser protegidos durante o transporte. Algo que funciona em função de outros objetos. Encontrei uma grande folha desse material na beira da praia. Estava ali indecisa entre ficar na areia ou na água. Estava toda molhada, empanada na areia. Possui espessura mais ou menos de 8mm, tem algumas partes mais espessas, outras mais achatadas já gastas com o tempo. Enrolei a grande placa, deixei escorrer um pouco do excesso de água. Trouxe para casa debaixo do braço a folha de polietileno expandida molhada e empanada na areia.

Lavei o material e deixei secar por alguns dias, levou algum tempo, pois havia água dentro das cavidades da espuma. Nas cavidades, mesmo depois de ter lavado o material, restaram aglomerados de grãos de areia. Esse material carrega em sua estrutura, de modo quase que indissociável, a areia da praia (Fotografia 11).

Fotografia 11 – *Polietileno expandido e areia*.



Fonte: Do autor, 2023.

Ao longo do processo de corte do polietileno expandido, grãos de areia se espalharam pelo chão de casa. Usei cola de sapateiro para colar as peças da bolsa umas nas outras.

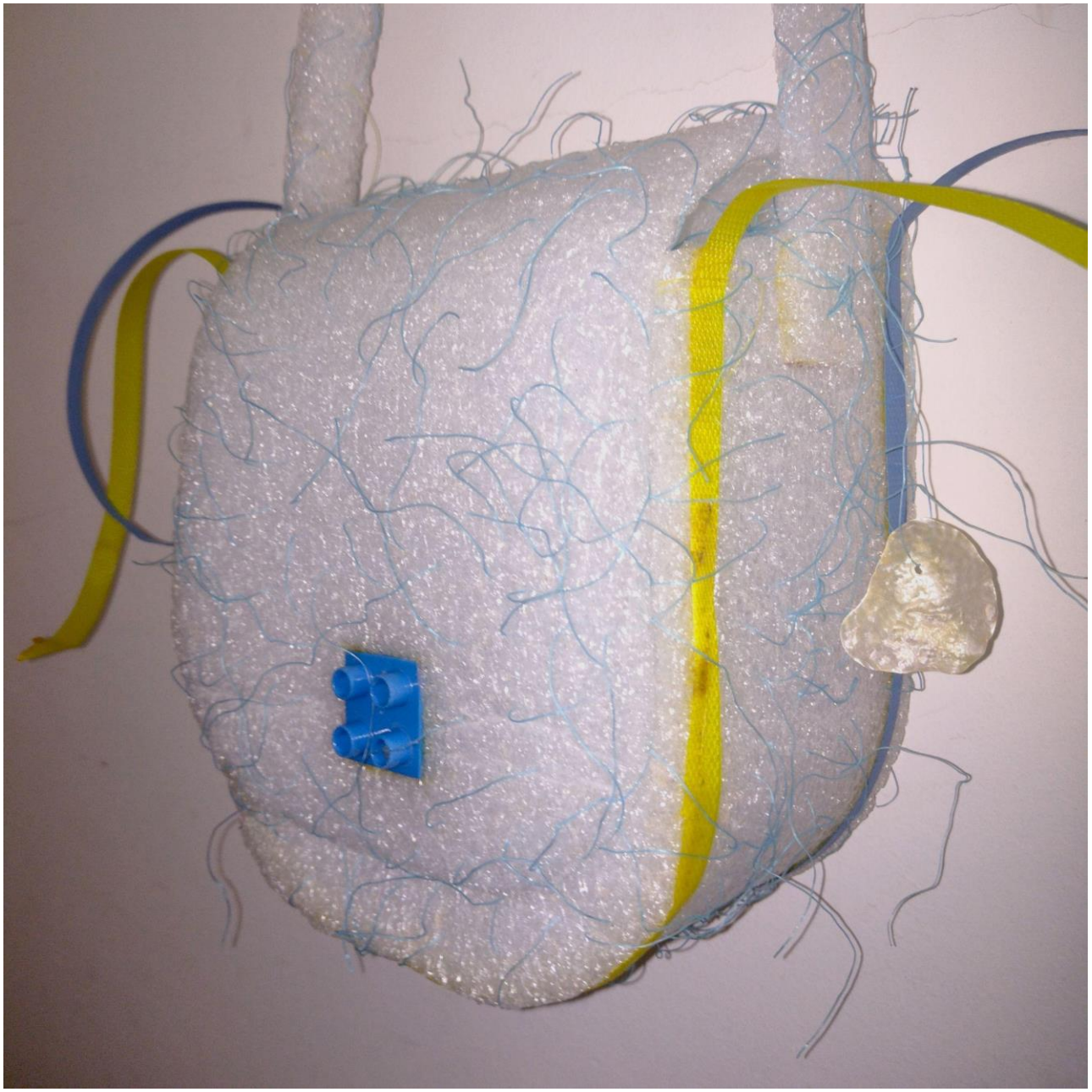
O cheiro da cola me lembrou da casa de minha avó em Três Coroas, no interior do Rio Grande do Sul. Todos os dias, pontualmente, logo cedo eu despertava com batidas de martelo. Era minha vó que começava a trabalhar. Era também meu despertador.

Imediatamente eu levantava e me direcionava para a casa de minha avó. Fiz isso desde os meus poucos anos até ter alguns anos. Minha avó foi por muitos anos viradeira de calçados. Na casa dela, todos os dias eu sentia esse mesmo cheiro, com exceção dos domingos e tardes de sábado. Um cheiro forte, que ainda assim consegue permear boas estórias.

Do mesmo modo, as coisas que encontro nas praias não são especialmente bonitas ou poéticas. Pelo contrário, eles nos apresentam os terrores do Antropoceno. Essas coisas estão em certa medida a destruir a habitabilidade da baía. Elas são os efeitos colaterais do modo como vivemos. No entanto, ainda assim elas podem contar boas estórias.

Do lado de fora, alguns adereços, como fitas plásticas de arquear e uma concha (Fotografia 12).

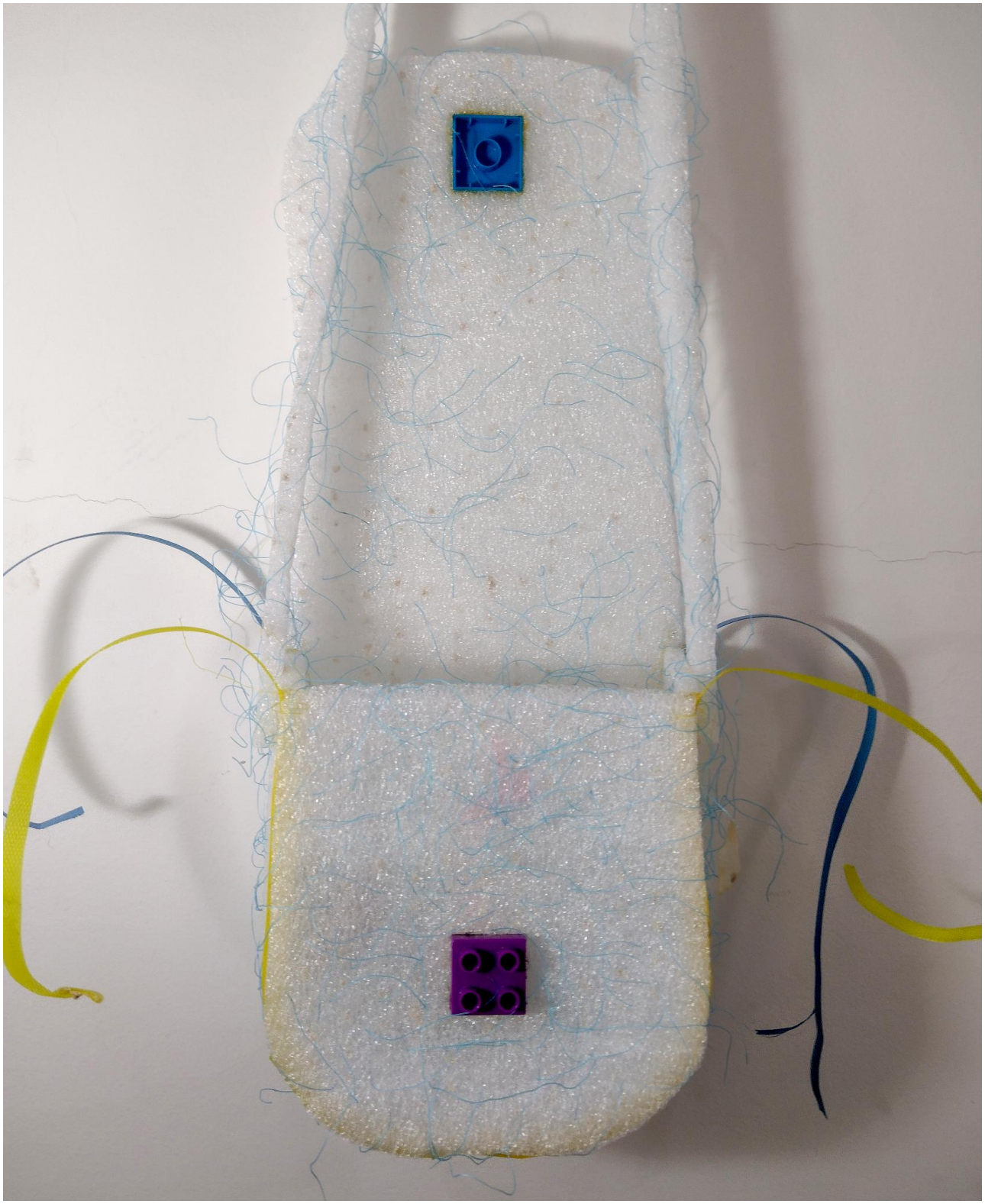
Fotografia 12 – *Detalhes da Bolsa da Guanabara*.



Fonte: Do autor, 2023.

Encontrei também uma corda náutica azul com suas tranças se desfazendo. Estava molhada, suja, com galhos e plásticos agarrados em sua trama. Levei para casa. Lavei a trama que já se desfazia, se desfez mais ainda. Vários fios de uma corda. Fios que foram um a um costurados no entorno da bolsa. Fios que se entrecruzam, emaranham, embolam. Fios que atravessam a bolsa.

Fotografia 13 – *Bolsa da Guanabara aberta*.



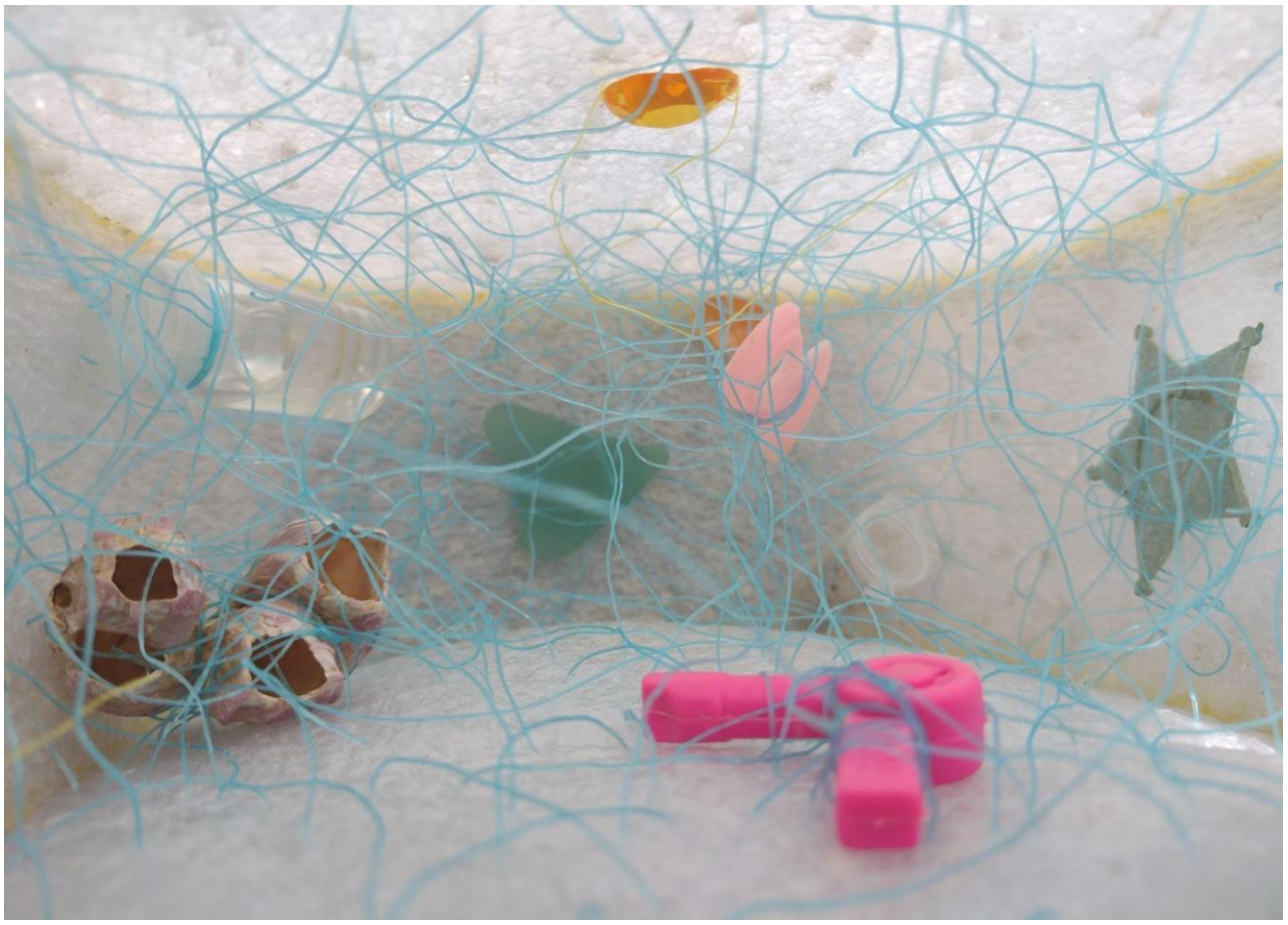
Fonte: Do autor, 2023.

Um par de legos encontrados um grudado no outro na beira da praia viraram uma espécie de fecho que serve para abrir e fechar a bolsa (Fotografia 13).

Nessa bolsa, teve até mesmo espaço para o super-herói, não muito, é claro. O coitado teve que se contentar em ficar em um cantinho apertado, emaranhado em fios, virado para a parede, de castigo

(Fotografia 14). No fundo, ele não fica muito bem dentro da bolsa.

Fotografia 14 – *Objetos da Bolsa*.



Fonte: Do autor, 2023.

Bem ficam as outras coisas e suas estórias da Guanabara: reunidos na bolsa estão o coração de miçanga, a faquinha com coração, a ampola de água do mar, um pino de cocaína preenchido com areia, uma concha pequena, um pedaço de vidro, uma concha grande com cavidades, um mini secador de cabelo. Somente o necessário.

Ao observar e me relacionar com a Baía de Guanabara, ao coletar suas coisas, guardá-las na bolsa, tomar um tempo com elas, vou criando relações entre as coisas, ressignificando-as, contando estórias sobre elas: a estes processos dou o nome de coletação. Foi necessário permanecer com essas coisas e esse contexto para que eu começasse a enxergar a poesia que nelas reside, mostrando que é possível enxergar beleza em meio aos terrores. Assim essas coisas compõem um imaginário sensível do que significa viver no Antropoceno. Desse modo, guardo todas essas estórias dentro da Bolsa da Guanabara.

[*] Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob a orientação de Barbara Szaniecki e Carol Noury.

[1] Kauê Marcos Pereira da Silva é Bacharel em Desenho Industrial pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Design pela ESDI/UERJ, onde atualmente é pesquisador do Laboratório de Design e Antropologia (LaDA) e doutorando. E-mail: ksilva@esdi.uerj.br

**Bibliografia**

LE GUIN, Ursula. **A teoria da bolsa da ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

*Recebido em: 15/02/2025*

*Aceito em: 15/05/2025*